

G UM BAIRRO DE RUAS PRECIOSAS VOLTADO PARA A CLASSE A

A REGIÃO SURTIU DE UMA FAZENDA QUE, LOTEADA, DEU ORIGEM AO RESIDENCIAL SÃO PATRÍCIO, QUE HOJE ABRIGA MAIS DE 1,2 MIL MORADORES. AS RUAS RECEBEM NOMES DE PEDRAS PRECIOSAS

TATIANA PAYSAN

Em 1963, Jacaraípe não passava de uma pequena aldeia de pescadores. No bairro, havia apenas algumas casas e tudo tinha que vir de Vitória por estradas quase intransitáveis.

Toda a área que, atualmente, foi desmembrada em outras localidades, era chamada de Jacaraípe. Até que, vinte anos mais tarde, em 1983, uma fazenda foi loteada e se transformou no Residencial São Patrício, voltado para a classe A de Jacaraípe. Água Marinha, Ametista, Esmeralda, Safira são alguns nomes das ruas, que recebem nomes de pedras preciosas.

Mas, antes mesmo desta data, muitos moradores já tinham chegado ao bairro, como o casal Abelar e Vilma Moreira, que mora na região desde 1980. "Fomos os segun-



dos moradores do bairro. Quando chegamos, não havia nada no bairro. Apenas um valão aberto, que cortava a região", disse.

Como o bairro surgiu de um loteamento, ele já foi vendido aos moradores, asfaltado. Mas a água era retirada de

poços. "Para ter energia, pudemos a viação por mais de 300 metros", afirmou.

O progresso começou a chegar ainda na década de 80, com a chegada da água e energia. Mas o grande problema que os moradores de São Patrício ainda enfrentam



HISTÓRIA. O casal Abelar e Vilma Moreira chegou ao bairro em 1980, antes de ele ser reconhecido

é a falta de rede de esgoto.

A comunidade se utiliza de fossas, que são despejadas no Rio Juara, que, antigamente, era bem limpo e servia para os moradores se banharem e lavarem suas roupas.

Atualmente, o Rio Juara está se transformando em lodo e os cerca de 1,2 mil moradores da comunidade sentem falta desse tempo de águas límpidas.

GAZETA
NOS
BAIRROS

SÃO
PATRÍCIO

PERSONAGENS

"Sou mãe de 13 filhos, tenho 60 netos e mais de 20 bisnetos. A maioria é criada aqui no bairro"

Julia Ribeiro Rocha aposentada, 88 anos

"Moro no bairro desde 1986, Quando cheguei, tinham poucas casas e as ruas eram de terra batida. Não havia água, nem energia. A parte baixa era tudo mangue. A gente tirava água de poço e usava lamparina. Sou muito querida no bairro. Pela manhã, saio andando tudo por aí e visitando as pessoas, principalmente, as que estão doentes e precisando de ajuda. Faço muitas orações. Sou mãe de 13 filhos, tenho 60 netos e mais de 20 bisnetos. Já até perdi minhas contas. A maioria é criada aqui no bairro."



"Sou o faz-tudo do bairro. Se queima o chuveiro ou dá algum problema de encanamento, eles chamam o Samu, que sou eu, o Samuel"

Samuel Rocha Lima, Autônomo, 46 anos



"Cheguei ao bairro há 17 anos. Ainda não éramos reconhecidos. Então, me juntei com outros moradores e fundamos a associação de moradores. Assim conseguimos ser reconhecidos, em 1983. Como essa parte que moro era uma invasão, precisei ficar por três anos morando embaixo de lona para não tomarem meu terreno. O Rio Juara era a minha paixão. A gente pescava, se banhava, lavava roupas...era lindo e bem limpo. Hoje, uma das minhas maiores tristezas é ver a poluição tomando conta dele. Há seis anos, comecei a consertar bicicletas para ganhar um trocado a mais. Mas sou o faz-tudo do bairro. Se queima o chuveiro ou dá algum problema de encanamento, eles chamam o Samu, que sou eu, o Samuel de São Patrício."

TATIANA PAYSAN

■ tmattos@redgazeta.com.br

■ Tel: 3321-8201

■ Fax: 3321-8765

■ Horário: Das 13h às 18h